

## 2. Uma alegria que “faz as contas” com a nossa humanidade

Eu dizia ontem que a alegria é algo sério, ou seja, importante para a nossa vida e para a nossa vocação, para a nossa vocação a viver com verdade e plenitude.

Devemos meditar profundamente sobre a passagem do capítulo 49 da Regra de São Bento que citei, lá onde ele pede que durante a Quaresma cada monge "subtraia ao seu corpo algo da comida, da bebida, do sono, da conversa, da escurilidade, e, na alegria do desejo espiritual, espere a Santa Páscoa" (RB 49, 7).

O gênio espiritual de São Bento, que sintetiza o gênio de toda a tradição apostólica, patrística e monástica dos primeiros cinco séculos do cristianismo, consegue sempre exprimir em poucas palavras o mistério do homem em relação ao mistério de Cristo. Com esta frase sobre um tema no fundo secundário, como as penitências da Quaresma, Bento nos ilumina sobre como somos chamados a viver o drama humano fundamental e universal: o de encontrar e cultivar uma alegria capaz de vencer toda dor e tristeza, uma alegria maior do que o pecado e a morte.

Aprofundemos, então, este ensinamento da Regra que depois nos servirá de “fio condutor” às meditações deste mês.

Em primeiro lugar, esta frase recorda-nos um aspecto fundamental para não passarmos ao largo da alegria verdadeira: não podemos compreender e viver uma alegria autêntica sem “fazer as contas”, sem nos confrontarmos com toda a nossa humanidade. Para deixar que "a alegria do desejo espiritual" emergja em nós, São Bento nos pede que não censuremos a nossa humanidade. Para sermos verdadeiramente felizes desejando o infinito não devemos censurar o fato de que o ser humano vive naquilo que termina, ou seja, tem um corpo e uma alma constantemente empenhada em um desejo de satisfação. Todos nós comemos, bebemos, dormimos, conversamos e nos divertimos na busca de uma saciedade, de uma satisfação. Muitas vezes nos iludimos de que, nestes aspectos de nossa humanidade, nos possa ser dada uma satisfação total. É como se o coração se lançasse completamente na busca desses prazeres, mas em seguida, na realidade, não está satisfeito, não está feliz. Quanto mais se abandona à busca de uma satisfação total no comer, beber, dormir, falar e se divertir, mais o coração faz a experiência da insatisfação. Insatisfação de quê? De si mesmo, do próprio coração. Esta é uma experiência positiva, porque é assim que o coração humano se conhece, se reconhece como mistério. Há algo em nós que nada de terreno e mundano consegue satisfazer.

É uma experiência elementar que todos fazemos. Também eu, quando me vejo diante do espaguete que nossas Irmãs preparam, parece-me que quanto mais eu comer mais vou ficar satisfeito. Mas, no final, me encontro pesado e insatisfeito. O estômago cheio e o coração vazio. Ou quando a gente começa a conversar com alguém ou brincar com tudo e com todos. Ao final se sente como que um enjoo, como se as palavras e os sentimentos que externamos se tivessem acumulado em nosso coração, e o sentimos inchado de vazio, como um balão.

É importante, então, que fazendo essas experiências de satisfações que não satisfazem, de falsas plenitudes que nos esvaziam, é importante que escutemos os verdadeiros mestres da ascese, como São Bento, e aprendamos com eles a enfrentar essa tendência que o ser humano porta consigo desde o pecado original. De fato, essa tendência remonta a quando Adão e Eva comeram o fruto proibido, certos de encontrar nele a satisfação total de seus corações, e em vez disso se viram vazios, nus, tristes, cheios de vergonha e de medo (cf. Gênesis 3).

Os Pais nos ensinam que a experiência da insatisfação que fazemos deve se tornar nossa mestra. À força de experimentar que tantas coisas nunca nos satisfazem plenamente, que tantas coisas sempre nos decepcionam, a sabedoria elementar seria dizer a si mesmo: o meu coração busca outra coisa, o meu coração deve buscar outra coisa se quiser ser feliz. Isso não significa que é necessário parar de comer, de beber, de dormir, de falar e de contar coisas engraçadas aos próprios amigos. Porque essas coisas pertencem à nossa humanidade e se eu encontro uma verdadeira alegria e satisfação, de uma forma ou de outra, ela também deve ter a ver com tudo isso. Não devemos buscar uma alegria desencarnada, como se fôssemos anjos, mas uma alegria na qual o nosso coração encontre uma satisfação que, por assim dizer, ressoe também no nosso corpo, no nosso pensamento, em nossas palavras e em nossos sentimentos.

Penso em um dos episódios mais alegres do Evangelho: a Anunciação do Anjo a Maria. "Alegra-te, ó cheia de graça: o Senhor é contigo!" (Lc 1,28). O anjo Gabriel certamente não disse essas palavras com uma cara "de enterro". Ele mesmo estava cheio e transbordante de alegria, de alegria angélica. Mas, em Maria, esta alegria contagiou toda a sua humanidade, o seu corpo, a sua alma, o seu espírito. Mais ainda porque a razão dessa alegria imensa era que o Verbo se fazia carne nela. E Maria deu imediatamente testemunho desta sua alegria total, correndo até Isabel e cantando o *Magnificat* com todo o seu corpo, toda a sua alma e todo o seu espírito (cf. Lc 1, 39-55).

A alegria tomou conta de toda a humanidade da Virgem, como também a do pequeno João Batista no seio de Isabel: "Pois assim que a voz de tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria no meu ventre" (Lc 1, 44). Este bebê concebido há seis meses não exultou apenas no espírito: todo o seu pequeno corpo estremece, salta de alegria, como pode, no ventre materno. Cristo é verdadeiramente a alegria plena do homem, do homem inteiro. Nele misteriosamente até a carne se alegra, não só o espírito ou apenas os sentimentos da alma.

Mas para que isso aconteça, para que possamos fazer esta experiência, ou seja, para que a alegria de Cristo possa entrar na nossa humanidade, o que nos aconselha São Bento? Ele nos aconselha a agir com esperteza, a enganar as alegrias parciais e as satisfações decepcionantes. Ele nos pede que ajamos com nossos desejos físicos e psíquicos como ladrões que subtraem de suas vítimas uma parte dos seus bens. Não tudo de uma vez, porque perceberiam e chamariam a polícia e pegariam tudo de volta. Basta subtrair um pouco de cada vez. Em latim, São Bento utiliza

precisamente um termo que se adapta aos furtos: "*subtrahat* – subtraia ao seu corpo algo da comida, da bebida, do sono, da conversa, da escurrilidade" (RB 49, 7).

É uma ascese que poderíamos definir como "do sagrado engano". Fingindo que nada está acontecendo, subtraímos de nós mesmos um pouco de falsa satisfação. Mas com que objetivo? Só para fazer penitência? Só para fazer um sacrifício de Quaresma que depois esqueceremos a partir da Páscoa? Não, o objetivo é criar um espaço vazio, como uma abertura, na nossa vida, no nosso corpo, na nossa alma, no nosso coração, no nosso eu, enfim, na nossa liberdade. E aí, nesse espaço, talvez mínimo, vemos que uma realidade nova consegue aflorar em nós, através de nós, através da nossa humanidade, através das nossas necessidades, através do nosso comer, beber, descansar, conversar, nos divertir. Uma realidade nova e ao mesmo tempo muito antiga, porque é original, está na origem de toda a humanidade, e na origem da nossa pessoa, do nosso coração. Aflora a alegria do desejo espiritual da Santa Páscoa, a alegria de desejar a vida eterna em Cristo morto e ressuscitado, a alegria do desejo espiritual de abraçar Cristo como alegria total e eterna da vida.

\*\*\*

Considerando que tenho que me ausentar por quase uma semana e retomarei os Capítulos na segunda-feira à noite, aconselho a todos a meditar nestes dias sobre o que lhes disse até agora, fazendo-lhes algumas perguntas. Isto para que aquilo que tentarei dizer-lhes mais tarde possa encontrar em vocês como que um terreno arado, no qual aquilo em que meditaremos possa cair como uma semente e dar fruto para a vida e vocação de cada um.

- a. Vocês são realmente felizes? Qual o papel da alegria no caminho da sua vida? O desejo de uma alegria plena tem determinado suas escolhas e renúncias?
- b. A descoberta da sua vocação foi e continua a ser uma experiência definida pela alegria? Cristo é realmente a maior alegria do seu coração?
- c. O que lhe deixa triste? Na tristeza, na insatisfação, você volta a buscar a alegria verdadeira? Como você a procura? O que lhe ajuda a reencontrá-la?
- d. Você sente que o conselho de São Bento está certo, ou seja, que existem renúncias que favorecem a ressurreição em nós do desejo da alegria no Cristo pascal, morto e ressuscitado por nós?
- e. Você compartilha esta alegria com os irmãos ou irmãs da sua comunidade? Na sua comunidade, vocês se ajudam mutuamente a buscar, a encontrar e a celebrar a alegria verdadeira?

Estas são algumas perguntas que só querem ajudá-los a colocar em evidência em si mesmos se vocês estão vivendo sua vocação de um modo que escuta a exigência fundamental do coração, porque a alegria em Cristo é a plenitude do coração humano e, no fundo, vivemos para isso; e se não vivemos para isso, não vivemos de verdade.